

## ANARQUISMO E ANARQUISTAS

O anarquismo é ótimo, mas os anarquistas são insuportáveis. Essa frase sintetizou, por um bom tempo, meu sentimento – compartilhado com alguns amigos – sobre o movimento político-existencial que, antes de discutir a configuração do poder estatal, defende a eliminação do Estado e a organização libertária dos indivíduos, sem um centro de decisões definido, o que força cada um a fundar, de forma radicalmente livre, seu espaço de convivência com o outro. O professor José Hildebrando Dacanal ensina que o termo anarquismo vem do grego e significa sem princípios, ou sem normas. É um bom começo.

O que é anarquismo, livro de Caio Tulio Costa, foi a porta de entrada para muitos candidatos a anarquistas no início dos anos 1980. Os mais entusiasmados depois foram ler Bakunin e Kropotkin. Os mais pragmáticos acabaram voltando para o trotskismo, bem mais eficiente para vencer disputas de diretórios estudantis. Meu autor anarquista favorito (dica do jornalista Moah Sousa) é o francês Daniel Guérin,

que escreveu Um ensaio sobre a revolução sexual, em que as questões políticas e sexuais são entrelaçadas. Boa leitura para Bolsonaro e seus seguidores.

Quando o anarquismo parecia definitivamente esquecido, apareceram os anarco-punks nas manifestações de rua de 2013, às vezes com aquelas máscaras do V de Vingança, de Alan Moore e David Lloyd. Tem sentido, já que os manifestantes declaravam estar longe dos partidos políticos e atacavam “o sistema”, seus princípios e suas normas. A frase que abre esta crônica, no entanto, mostrou ter mais sentido ainda: pelo menos alguns dos supostos anarco-punks eram simpatizantes do nazismo e racistas bem tradicionais.

Eu tenho uma experiência positiva de anarquismo: durante mais de 20 anos, participei de uma banda punk chamada Os Replicantes, que nunca teve líder, nunca enfrentou disputas pelo poder e sempre respeitou os indivíduos que a formavam. Para isso, ninguém precisou ler Bakunin, nem usar máscaras ameaçadoras. Bastava dizer honestamente o que queria e ouvir com atenção o que os outros queriam. Os inevitáveis conflitos eram resolvidos com a mais poderosa das armas: o diálogo. Em casos extremos, usávamos um bordão bacana: “Anarquia é utopia, faça uma todo dia”. Eu garanto que funciona.

## TIO CHICO

A família de meu pai é descendente de italianos que emigraram para Maceió. Não, eles não estavam com o mapa de cabeça para baixo, nem o navio naufragou na costa de Alagoas. Foi intencional. Talvez eles já soubessem que o clima do Rio Grande do Sul é europeu, a arquitetura é tropical e as praias são siberianas. Meu bisavô preferiu abrir uma loja de tecidos perto de um mar de águas quentes e comer bobó de camarão enquanto seus conterrâneos vinham encarrangar de frio em Ana Rech e comer polenta. Cada um, cada um.

Durante muitos anos, acreditei que meu sobrenome Gerbase era uma corruptela de Gerbasi, que soa mais tipicamente italiano. O erro teria acontecido quando a família chegou a Maceió e registrou-se em um cartório tipicamente brasileiro. Mas nada disso é verdade. Em 2010, eu e meus irmãos estivemos em Vibonati, ao sul de Nápoles, onde vivem nossos parentes europeus, todos Gerbases, e fomos adverti-

dos a nem passar perto das casas dos Gerbasis, esses grandes impostores.

Por conta do trajeto algo insólito dos Gerbases, meu pai pode ser considerado um ítalo-nordestino. Mas quis o destino que ele fosse estudar Medicina no Rio de Janeiro, tornando-se um ítalo-carioca-alagoano, e que depois viesse clinicar em Porto Alegre, o que o transformou numa espécie de gaúcho transdisciplinar. O resto da família, contudo, ficou em Maceió. A história que vou contar é do irmão mais moço do meu pai, o tio Chico, que, num belo verão, cansado das águas tépidas de Maceió, veio conhecer os encantos de Capão da Canoa.

Nossa casa não era muito grande, e o tio Chico foi dormir no quarto dos meus irmãos mais velhos, o Zeca e o Tonho. O tio Chico roncou como uma serra elétrica a noite toda, e meus irmãos não conseguiram dormir. Na manhã seguinte, contaram sua desventura para meu pai, que, lembrando de uma velha pílula de sabedoria da família Gerbase, gerada nas belas colinas de Vibonati, receitou: "A melhor maneira de combater o ronco é assobiar um pouco no ouvido no roncador".

Na noite seguinte, meus irmãos passaram a noite assobiando na orelha do tio Chico, e nada. Ele atravessou a madrugada roncando como um verdadeiro nordestino (ou seja, como um forte). Meus irmãos só conseguiram pegar no sono de manhã, quando o tio Chico levantou-se, bateu na porta do quarto de meu pai e disse: "José, estou muito preocupado com seus filhos. Eles passaram a noite inteira assobiando. Isso é um costume gaúcho ou é uma doença que só tem aqui no Sul? Valha-me Deus!"

## A ESCRITA DOS CIENTISTAS

O estilo dos ficcionistas é, com certeza, mais importante que o conteúdo de suas obras. De que vale um bom tema se a redação é ruim? Mas um bom texto – claro, elegante, divertido – salva qualquer tema. Às vezes os escritores têm certa dificuldade em admitir esse caráter formalista de seu ofício. John Updike conta em sua autobiografia que ficou muito decepcionado quando as críticas de suas primeiras obras o despreveram como um autor de muito estilo sem nada de importante para dizer. Updike achava que tinha dito coisas fundamentais e que, apesar de toda a luta com a máquina de escrever, não encontrara as palavras mais adequadas.

O estilo dos cientistas, contudo, parece ser muito menos importante que o conteúdo de suas pesquisas, que buscam a tal “verdade” sobre o mundo. Esta, mesmo que temporária, deve ser exposta numa fórmula matemática ou numa série de demonstrações irrefutáveis, e não num parágrafo elegante. Historiadores “de verdade” só escrevem para outros histo-

riadores, porque seus textos, de tão chatos e cheios de referências, são ilegíveis para o público. Os divertidos e populares livros de Eduardo Bueno sobre o Brasil colonial são, portanto, estilisticamente falando, a antítese das obras científicas sobre o mesmo tema. Ainda bem.

Por motivos meio insondáveis, tenho lido muitas obras científicas na área de biologia, em especial as que tratam de evolução. Não li ensaios acadêmicos, nem tenho base suficiente para entrar em detalhes estatísticos e bioquímicos, mas essa experiência mudou minha opinião sobre a necessidade de um cientista ter um bom estilo. Na polêmica entre Stephen Jay Gould e Richard Dawkins sobre a regularidade da evolução (constante ou “aos saltos”), fui convencido várias vezes sobre a “verdade” dos fatos, mudando de opinião à medida que lia suas divertidas, elegantes e claras obras sobre o assunto. Eles parecem ficcionistas: a forma retórica com que descrevem a “verdade” científica se sobrepõe ao conteúdo. Darwin, mesmo sendo um gigante perto deles, é meio chato, repetitivo e pouco claro. A grande qualidade de Freud, afinal de contas, é o seu estilo. Descobertas recentes da neurociência comprovam a maioria de suas teses, mas refutam outras. E daí? Freud escrevia bem, e isso faz com que continuemos acreditando no Complexo de Édipo.

Em minha incursão nas ciências naturais, a frase mais elegante, sintética e precisa que li é de Dobzhansky: “Nada faz sentido em biologia a não ser à luz da evolução”. À luz de tudo que li de outros autores, me convenceu. E, se dois bons estilistas como Gould e Dawkins concordam com ele, deve ser verdade.